



BOLETIM GEOCORRENTE

ANO 5 • Nº 105 • 31 DE OUTUBRO DE 2019

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE poderão ser encontrados na home page da EGN:

<https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente>



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL

MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

JANSEN COLI CALIL NASCIMENTO ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

DAVID SEVERO PEREIRA FRANÇA PINTO (UERJ)

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)

CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)

BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)

GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)

JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

DANIEL SANTOS KOSINSKI (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)

SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

TAYNARA RODRIGUES CUSTÓDIO (EGN)

LESTE ASIÁTICO

ELY PEREIRA DA SILVA JÚNIOR (UERJ)

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

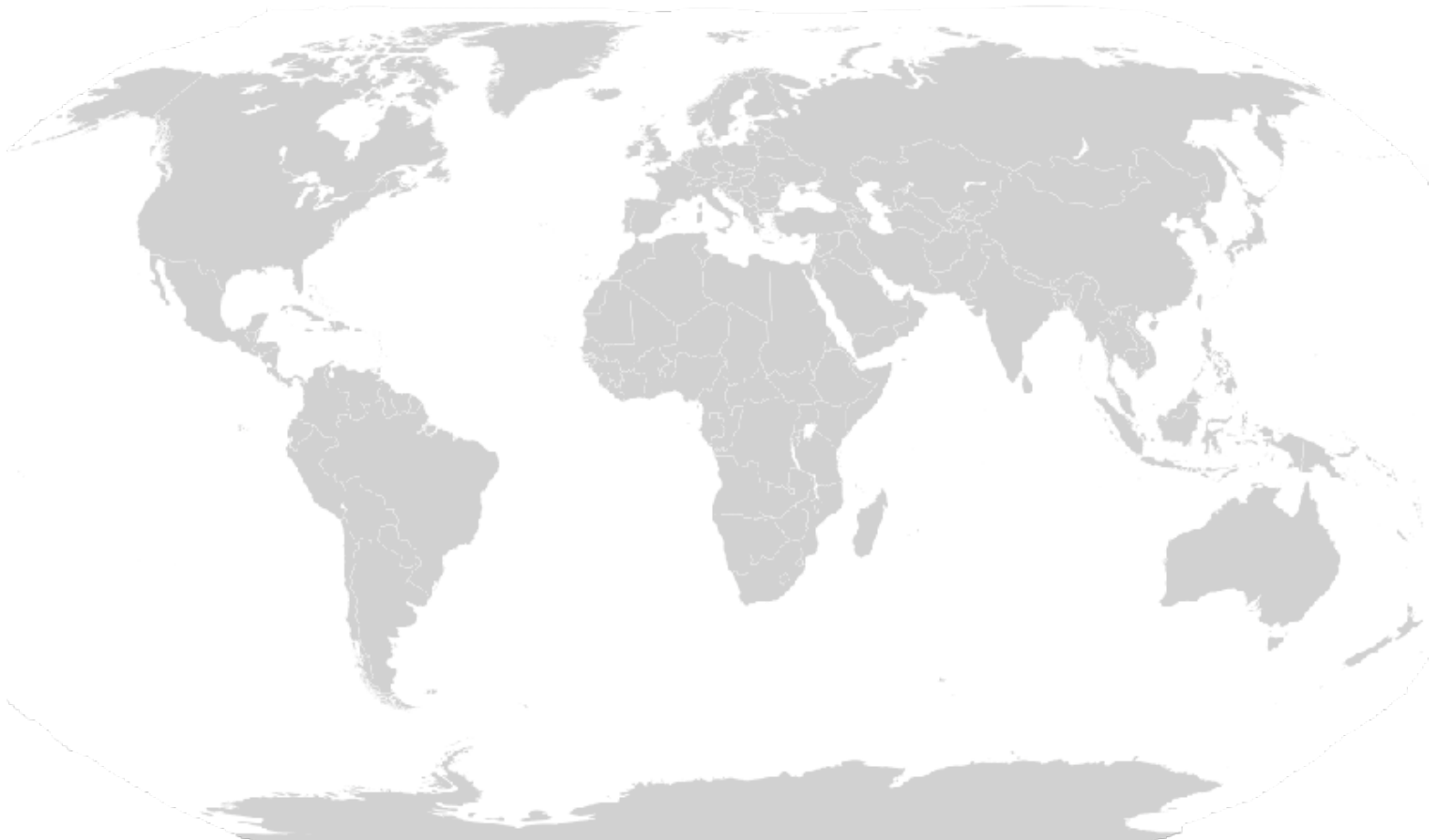
BEATRIZ VICTÓRIA ALBUQUERQUE DA SILVA RAMOS (EGN)

LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL	RÚSSIA & Ex-URSS
O risco ambiental da progressão da crise econômica venezuelana4	Tsentr-2019 e a balança de poder na Eurásia9
Manifestações massivas no Chile: materialização de reivindicações históricas ...5	Putin almeja conectar a costa ártica russa ao Oceano Índico.....9
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL	LESTE ASIÁTICO
Possível estabilidade do Haiti?.....5	Diplomacia naval entre as Marinhas da China e do Japão10
ÁFRICA SUBSAARIANA	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA
Moçambique: limites da democracia, estertores da paz6	Singapura: entre acordos de segurança e disputas estratégicas11
O desafio energético e as ambições estratégicas em Angola.....6	Tailândia disputada: como a redemocratização pode favorecer as FAs de Bangkok12
EUROPA	ÁRTICO & ANTÁRTICA
França e Alemanha: os verdadeiros decisores na União Europeia.....7	Encontro presidencial entre EUA e Finlândia aborda temas árticos12
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA	Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa.....13
Com a saída dos EUA, os turcos atacam os curdos na Síria e a Rússia emerge8	Calendário Geocorrente.....13
O descontentamento da população libanesa e os consequentes protestos8	Referências.....14

REGIÕES ABORDADAS NESTA EDIÇÃO



Clique no círculo para ser redirecionado ao texto relacionado

O risco ambiental da progressão da crise econômica venezuelana

Adriana Escosteguy & Beatriz Mendes

Em setembro, o desdobrar da conflituosa relação Colombo-venezuelana (Boletim 102) chegou a um impasse. Em discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) em 25 de setembro de 2019, as demandas do presidente colombiano, Iván Duque, pela imposição de um governo transitório na Venezuela, não resultaram na convocação de nova reunião entre os países membros do recém reativado Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR). Ademais, não obstante a controversa eleição da Venezuela em 17 de outubro ao Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) — apoiada, além de outros 102 países, pela China, Rússia e Cuba —, o anúncio sobre a liberação de outros 24 presos políticos feito pelo procurador-geral venezuelano, Tarek William Saab, pareceu querer indicar que a “Mesa de Diálogo” estabelecida em 16 de setembro entre governo e uma pequena fração da oposição logrará *per se* resolver a grave crise nacional.

O aparente estaque da crise política venezuelana revela, por um lado, a incapacidade da oposição, hoje dividida, de fazer frente ao presidente venezuelano, Nicolás Maduro (Fedirka, 2019); e, por outro, a compreensão deste de que a situação do país é insustentável no longo prazo frente às sanções econômicas internacionais. Entretanto, o déficit

vertiginoso da economia venezuelana refuta a aparente estabilidade do regime de Maduro. O país corre o risco de perder a gigante subsidiária da *Petróleos de Venezuela SA* (PDVSA) nos Estados Unidos, a *Citgo*, caso não honre até novembro sua dívida de US\$ 913 milhões. Outrossim, cresce o risco de vazamentos em razão da deterioração da estrutura das plataformas de petróleo e tubulações submarinas administradas pela *PDVSA*, segundo o Instituto Venezuelano de Pesquisas Científicas. Atualmente, a grave crise ambiental enfrentada na região venezuelana do Lago de Maracaibo — cuja extensão de 13.000 km² conecta-se ao Mar do Caribe por um estreito a seu norte — atesta a urgência do problema. Somam-se ainda a contínua queda na produção petroleira nacional — majoritariamente destinada ao pagamento de dívidas com a China e Rússia — e a falta de recursos à reativação desta matriz econômica. Maduro poderá contar com o apoio russo e, em contrapartida, cogita delegar a administração da *PDVSA* à equipe da gigante petroleira russa, *Rosneft*. Entretanto, os obstáculos econômicos enfrentados pela Rússia em razão da queda do preço do petróleo e da redução de seu PIB limitam o apoio que o país poderá oferecer doravante (Zolotova, 2019), diminuindo futuras margens de manobra de Maduro.



Fonte: Petroleum Economist

Manifestações massivas no Chile: materialização de reivindicações históricas

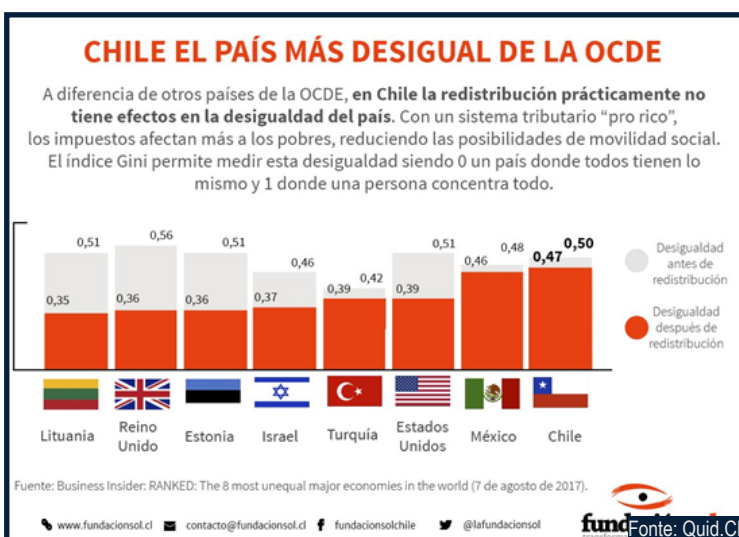
Pedro Kilson

O cenário político latino-americano ganhou novos contornos de instabilidade e questionamentos, em razão do surgimento de intensas manifestações em todo o Chile, cujo protagonismo se verificou em 25 de outubro de 2019. A Plaza Italia, historicamente espaço de concentração para protestos e expressões populares, foi palco do rechaço ao aumento de 30 pesos nas tarifas do metrô, bandeira que logo se desbordou em descontentamento generalizado com o sistema político-econômico, previdenciário e educacional do país. O estopim se deu em 18 de outubro deste ano, dia marcado por um protesto estudantil massivo. Em pouco tempo, concretizaram-se disputas violentas entre manifestantes e forças de segurança, seguidas pelo ateamento de fogo a inúmeras estações de metrô da capital, bem como a implementação de um toque de recolher — o primeiro desde o retorno da democracia — inicialmente na Região Metropolitana, e posteriormente estendido a outras cidades chilenas.

Interpretar tais movimentos contestatórios requer compreender o sistema econômico de caráter neoliberal instaurado e desenvolvido nos anos de Pinochet (1973-1990), e mantido nos governos seguintes, como base de um projeto consensual de transição à ordem democrática. Neste sentido, a restauração da democracia não foi acompanhada por um processo de desmantelamento das políticas econômicas, não houve uma nova Constituinte (vigente desde 1980), tampouco as políticas de privatização de setores estratégicos, como educação e saúde, deixaram de ser realidade no país. Na mesma lógica, o modelo previdenciário, também de 1980, é

fundamentado num sistema de capitalização individual conhecido por AFP (*Administradoras de Fondo de Pensiones*), que investem no mercado financeiro os montantes depositados pelos contribuintes e definem o valor final de suas aposentadorias.

Os protestos representam a maior crise política do governo Piñera, empossado em março de 2018, e confrontam a elite política com reivindicações históricas: o fim das AFP, gratuidade e universalidade do ensino público e o do sistema de saúde, a problemática *mapuche*, a reconfiguração da estrutura econômica (menos desigualdade e concentração de renda), bem como a renúncia do presidente e de todo seu gabinete. Muito difícil de prever até onde irão as instabilidades chilenas, um país que até poucos dias era considerado um exemplo de prosperidade em toda América do Sul.



AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Possível estabilidade do Haiti?

Ana Cláudia Ferreira

Em 16 de outubro de 2019, o Escritório Integrado das Nações Unidas no Haiti (BINUH, em francês), iniciou suas atividades visando a estabilidade por meio do diálogo nacional. Desde setembro, ocorre a segunda onda de protestos populares antigovernamentais de 2019, que paralisa o país. As exigências são pela renúncia do presidente Jovenel Moïse, melhora da qualidade de vida e a condenação de 15 ex-ministros e Moïse, envolvidos no caso de corrupção da *Petrocaribe*, acordo de cooperação energética entre Venezuela e países caribenhos, onde se constatou o desvio de US\$ 2 bilhões. O estopim para o retorno das manifestações, que já resultou em 30 mortos e centenas de feridos, foi a recente escassez de combustível que prejudicou o abastecimento de alimentos e transportes. As manifestações se agravaram em 10 de outubro, quando um jornalista que apoiava

os protestantes, Néhémie Joseph, foi assassinado, ocasionando, segundo a polícia local, no mais revoltoso protesto nacional.

Diferente de sua antecessora, a Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH, em inglês) ([Boletim 95](#)), a missão política BINUH auxiliará no processo eleitoral e no fortalecimento do Executivo, visando reformar as diretrizes dos direitos humanos. A missão é chefiada por Helen La Lime, antiga líder da MINUJUSTH. Contudo, apesar de ser precedida por missões de paz, a BINUH encontrará dificuldades em alcançar a estabilidade local.

Isso porque a população, que também é contra o primeiro-ministro interino Fritz-William Michel, indicado pelo presidente, em 23 de setembro, protestou violentamente no Parlamento contra sua nomeação,

fato que levou o senador Jean Féthière a atirar contra os protestantes. A população teme que o país nunca reduza os 19,1% de inflação e proporcione qualidade de vida. Dessa forma, a missão deverá encontrar meios para superar o cenário caótico.

A BINUH deve focar urgentemente no diálogo governamental. Assim, os pedidos básicos da população poderão ser atendidos e acabar com os protestos e melhorar

a situação econômica-social, com o reabastecimento de alimentos e volta das atividades comerciais. Ademais, deve-se acompanhar a atuação da missão nos próximos meses, porém, o país já clamava por uma mudança na atuação da ONU para que, finalmente, a estabilidade haitiana possa ser alcançada e a Organização seja reconhecida no meio internacional pelo êxito de sua atuação.

ÁFRICA SUBSAARIANA

Moçambique: limites da democracia, estertores da paz

Franco Alencastro

A eleição presidencial de Moçambique, ocorrida no dia 15 de outubro de 2019, frustrou observadores que esperavam que o pleito consolidasse a democracia no país. Os resultados da eleição indicam a vitória do presidente Filipe Nyusi, com 73% dos votos, e de seu partido, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), ocupando 74% de assentos no parlamento. O principal candidato de oposição, Ossufo Momade, da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), obteve apenas 20% dos votos.

A desproporcional vitória da FRELIMO vem acompanhada de denúncias de fraude e do repúdio aos resultados da eleição pela RENAMO. Observadores da União Europeia destacaram o uso de recursos do Estado para financiar a campanha da FRELIMO, dando a este partido uma vantagem injusta.

O período anterior à eleição foi marcado pela iniciativa de desarmamento da RENAMO, que consentiu a um acordo de paz entre os dois partidos após anos de violência (Boletim 104). No entanto, as denúncias de

fraude contra a FRELIMO parecem indicar que, longe de estimular o partido governista a buscar um pleito mais justo, o desarmamento terminou por encorajar práticas irregulares, provavelmente ajudadas pela certeza de que a RENAMO não disporia da mesma força para reagir após a eleição.

O desarmamento, contudo, não está concluído. Caso a RENAMO não consiga contestar as eleições pelas vias institucionais, é provável que esta retome as hostilidades, assim como ocorreu no período após as eleições de 2014, também contestadas. Quanto à FRELIMO, a vontade de se manter no poder no país por mais alguns anos pode ter sido influenciada pelas descobertas recentes de reservas de gás natural líquido estimadas em mais de 2,8 trilhões de metros cúbicos. É importante que o Brasil se mantenha atento às ocorrências em Moçambique, visto que o país pertence a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e empresas brasileiras possuem relevantes investimentos no país, como é o caso da prospecção de carvão da empresa Vale, no interior do país.

O desafio energético e as ambições estratégicas em Angola

Isadora Jacques

No dia 22 de outubro de 2019, o Ministério dos Recursos Minerais e Petróleo angolano apresentou, em Dubai, o projeto para a construção da Refinaria do Soyo, na presença de centenas de potenciais investidores interessados. O projeto visa o aumento da capacidade de refino de petróleo no país, que possibilitará desenvolver sua indústria petroquímica. Cabe ressaltar o papel da China como o maior consumidor do setor petrolífero e um grande investidor na infraestrutura do país.

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) registrou o aumento da produção de petróleo angolana, consolidando-se como o segundo maior produtor do continente africano, superado apenas pela Nigéria. No entanto, a inércia na estruturação desse setor reflete a carência de uma postura independente e responsável para o desenvolvimento energético na África.

Destaca-se o papel da Organização dos Produtores de Petróleo Africanos (APPO, em

inglês), elaborada e fundamentada com o intuito de promover o desenvolvimento e a cooperação entre os estados-membros líderes nos setores de gás, óleo e energia. A organização deverá promover um profundo remanejamento na estratégia energética e aumentar a relevância de seus integrantes no cenário internacional. A entidade conta com 18 membros e, dentre esses, destacam-se Angola, Nigéria, Líbia e Argélia, países com maior produção de petróleo no continente.

A perspectiva de independência na exploração, na produção, no refinamento e na distribuição do hidrocarboneto, em grande medida *offshore*, foi a principal motivação desses países para a criação da associação há mais de 30 anos e que, na época, permitiu vislumbrar um desenvolvimento regional semelhante ao da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). A contingência africana de consolidar sua emancipação no setor energético, no entanto, não obteve resultados positivos quando analisadas as tentativas de

estabelecer lideranças e a falta de diligência dos países membros. Entretanto, é possível observar o empenho de Estados como Angola ao arquitetar novos planos de desenvolvimento tecnológico e energético, constatando a necessidade do protagonismo africano no setor. Desse modo, se faz necessária a conclusão da reforma da organização com mecanismos que possibilitem

a inserção dos maiores produtores do continente no mercado internacional para que, concomitantemente a esse processo, a dinâmica logística, o desenvolvimento econômico e o investimento no setor energético se ampliem na África.

EUROPA

França e Alemanha: os verdadeiros decisores na União Europeia

Thaís Dedeo

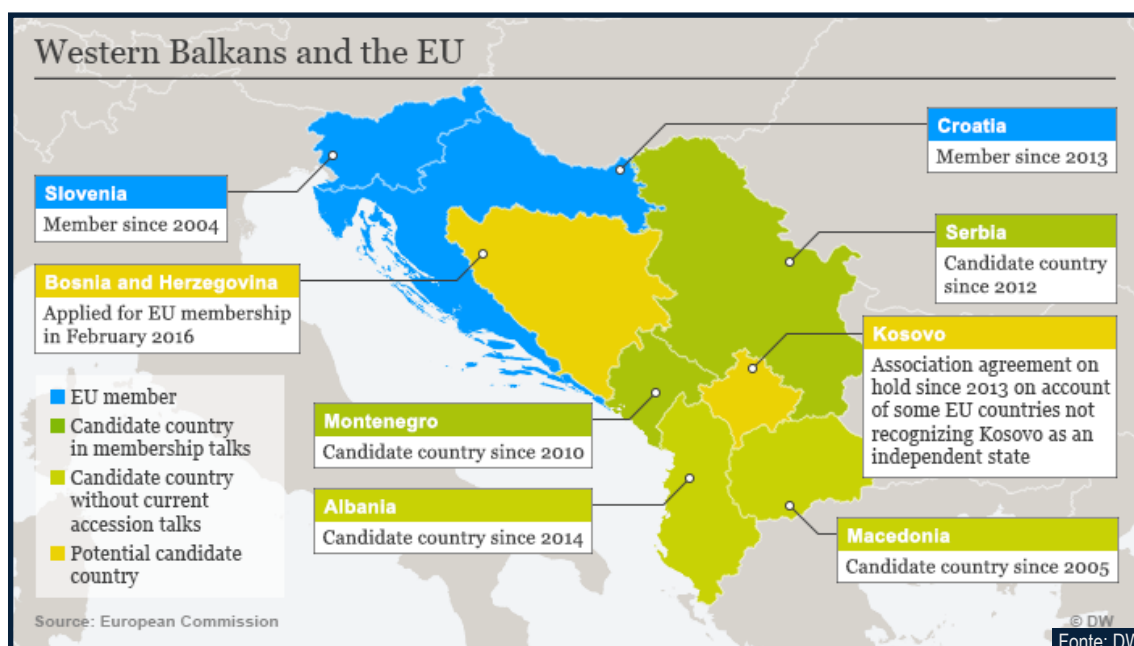
No dia 16 de outubro de 2019, ocorreu, em Toulouse, o Conselho Interministerial franco-alemão, evento em que o presidente francês Emmanuel Macron e a chanceler alemã Angela Merkel se reuniram. O objetivo foi avançar a cooperação franco-alemã e encontrar uma posição comum principalmente a respeito de Síria e Turquia para a Cúpula da União Europeia (UE), que ocorreu nos dias 17 e 18.

Este Conselho fixou algumas prerrogativas nos setores espacial e de defesa: França e Alemanha darão preferência ao lançamento de satélites europeus (*Ariane 6*) para garantir sua autonomia no espaço. Além disso, um acordo de regras de controle à exportação de armamentos foi assinado e definições ao ambicioso programa franco-alemão de construção de tanques (*MGCS*) e aviões (*SCAF*) de caças também foram discutidas. Vale ressaltar que o eixo franco-alemão vem sendo reforçado, desde janeiro, com a assinatura do tratado de *Aix-la-Chapelle*, que reforça a cooperação em matéria de segurança e defesa e a unidade europeia. Inclusive uma cláusula de defesa mútua está presente neste tratado, com o objetivo de estimular o desenvolvimento de armamentos e de operações em conjunto.

Subsequente ao encontro no Conselho, na Cúpula da

UE, foi condenada a ação unilateral militar da Turquia na Síria, acusada de provocar sofrimento humano, fragilizar a luta contra o Estado Islâmico e ameaçar a segurança europeia. Alemanha e França tomaram a iniciativa e restringiram a venda de armas à Turquia.

Apesar do estreitamento de relações entre Paris e Berlim, houve desacordos sobre a expansão da UE na Cúpula europeia. Contrários aos outros 26 membros, França e Holanda vetaram a decisão de iniciar negociações de adesão da Albânia e Macedônia do Norte, independentemente dos avanços desses países em respeito às normas de adesão. Paris e Haia são contrários a expandir o bloco a curto prazo, porque creem que novos membros entravariam as reformas que a UE necessita. Entretanto, esta falta de coesão dentro do bloco pode afetar sua credibilidade com os países nos Bálcãs, tendo os chefes de Estado da Macedônia do Norte, Albânia e Sérvia acusado a UE de ignorar seus esforços e interesses. Essa postura europeia pode gerar retrocessos democráticos e um redirecionamento desses países à Turquia, à China ou à Rússia, tradicional influente ator na região, e também cenários que podem culminar com a desestabilização da segurança europeia.



Com a saída dos EUA, os turcos atacam os curdos na Síria e a Rússia emerge

Dominique Marques

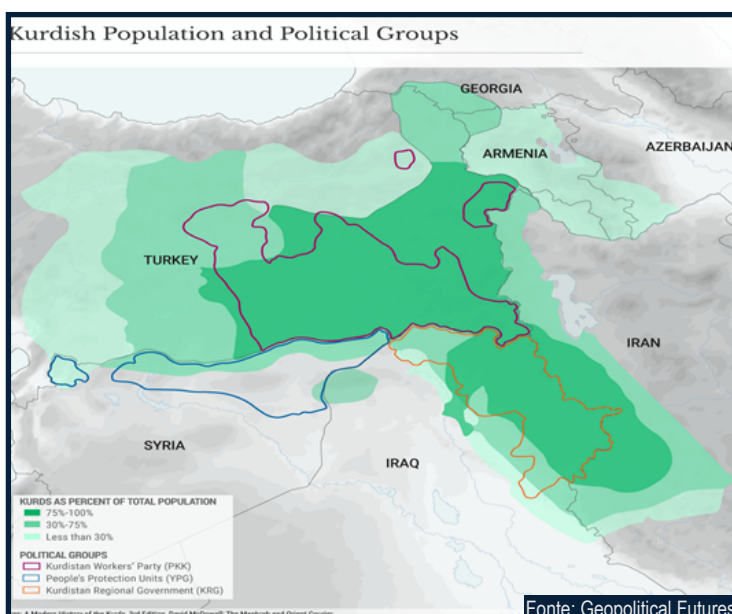
No dia 06 de outubro de 2019, o presidente estadunidense Donald Trump concordou em retirar suas tropas da Síria, em guerra desde 2011, deixando os turcos livres para invadir o norte do país, iniciando uma invasão três dias depois. Até então, os curdos eram aliados históricos dos EUA, em especial na luta contra o Estado Islâmico (EI), tanto na Síria como no Iraque. Vale ressaltar que os curdos representam o maior povo ainda sem território no mundo, localizados em regiões do Irã, Iraque, Síria e Turquia.

Apesar de reivindicarem a criação do Estado do Curdistão, eles não são sinônimos de uma sociedade coesa, representando múltiplas tribos e comunidades que falam línguas diferentes, e possuem diferentes religiões e ideais políticos. Por exemplo, em 1994, dois grupos curdos, a União Patriótica do Curdistão e o Partido Democrático Curdo entraram em guerra dentro do Iraque, resultando em mais de 5 mil mortes.

A guerra na Síria é também uma guerra em que se envolvem muitos atores externos, com diferentes ambições. Enquanto a Rússia e o Irã apoiam o presidente sírio Bashar al-Assad, os EUA e a Turquia o querem fora do poder. Ao mesmo tempo em que são aliados na OTAN, EUA e Turquia possuem visões diferentes sobre os curdos, considerados um sério problema para a unidade turca. Enquanto a Rússia também apoia os curdos no combate ao EI, forma uma coalizão com Turquia, Síria e Irã para decidir os rumos do conflito, mesmo que significando a saída dos curdos da região.

A decisão de Trump em retirar as tropas foi bastante criticada internamente, inclusive por aliados republicanos,

e externamente por aliados na OTAN. Estima-se que os EUA tenham cedido às pressões turcas, a fim de tentar melhorar as relações com seu aliado e desfazer essa crescente amizade entre Ankara e Moscou, como observado nas compras dos sistemas antimísseis S-400 ([Boletim 90](#)). Mas enquanto Trump parece estar mais preocupado com seu ambiente interno, Erdogan se reúne com Putin em Sochi e ambos coordenam suas ações para resolver esse conflito que já se arrasta por muitos anos. É importante acompanhar como será o desfecho dessa complexa crise e ver se ao final os EUA ainda serão o principal ator externo a dar as cartas no Oriente Médio ou se a Rússia assumirá esse papel.



ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

O descontentamento da população libanesa e os consequentes protestos

Ana Luiza Colares

No dia 17 de outubro de 2019, iniciaram-se, no Líbano, protestos em diversas cidades do país contra a corrupção e o aumento de impostos, exigindo a renúncia do atual governo. As ações dos manifestantes tiveram como estopim o anúncio da implementação de novas taxas a serviços utilizados por usuários de redes sociais, medida cancelada pelo governo após o início da pressão da população.

O país enfrentou um momento de desvalorização de sua moeda (libra libanesa) no início de setembro, quando se observou a escassez de dólar e o aumento consequente da taxa de câmbio. Tal aumento causou preocupação governamental, visto que agentes financeiros realizam transações comerciais diárias entre as duas moedas. Frente a um possível resultado de desprovimento de

produtos e serviços, para evitar tal cenário, o governo optou pelo aumento dos impostos. O levante popular, contudo, não ocorre meramente devido ao aumento de tarifas, mas, sim, está pautado em diversas questões sociais e econômicas como o desemprego, os constantes blecautes causados pelo racionamento de energia, a infraestrutura deteriorada e o alto custo de vida, além do alto percentual de dívida pública, a qual atinge a marca de aproximadamente 150% do PIB.

Dado esse contexto, no dia 20 de outubro, o governo aprovou um pacote de reformas econômicas antes estagnadas, de modo a buscar a pacificidade da população. Tais medidas preveem, por exemplo, o corte de 50% nos salários de altos funcionários e redução da dívida pública, bem como o auxílio a famílias que vivem abaixo da linha

da pobreza no país, que atualmente correspondem a 25% da população libanesa. Tais reformas eram uma cobrança dos países da União Europeia, que anunciaram, no último ano, uma doação de € 10 milhões, de modo a livrar o Líbano da bancarrota.

Ademais, mesmo com as medidas divulgadas pelo governo, a população prossegue nas ruas e instituições como bancos, fábricas e diversas empresas continuam fechadas. Na noite do dia 24 de outubro, ocorreu um grande enfrentamento entre os apoiadores do Hezbollah, grupo muçulmano xiita com muita influência no atual

governo do Líbano, e manifestantes antigoverno. Tal acontecimento aumentou a preocupação com episódios que podem vir a ocorrer nas próximas semanas no país, deixando em alerta máximo as Forças da UNIFIL, incluindo os brasileiros, representados pelo Comandante da Força-Tarefa Marítima, pela Corveta Barroso e tripulação. Após 12 dias consecutivos de protestos nas ruas do país, o primeiro-ministro Saad Hariri anunciou sua renúncia no dia 29 de outubro, levando milhares às ruas em comemoração ao ato.

RÚSSIA & Ex-URSS

Tsentr-2019 e a balança de poder na Eurásia

Pedro Martins

No dia 20 de setembro de 2019, ocorreu o exercício militar *Tsentr-2019* (Centro, em russo) como parte de uma série de exercícios das Forças Armadas da Federação Russa. O destaque desse ano foi o fato de que este exercício envolveu não somente as Forças Armadas da Rússia, mas também as da China, da Índia, do Paquistão, do Cazaquistão, do Tadjiquistão, do Uzbequistão e do Quirguistão.

Ao todo, a iniciativa contou com a participação de 128 mil militares, dos quais 1.600 eram da China e algumas centenas da Índia. O objetivo principal desse exercício, que contou com manobras realizadas no Mar Cáspio e em outras regiões da Ásia Central, foi realizar treinamentos voltados para o combate ao terrorismo. Um aspecto interessante a ser destacado é que ele contou com o envolvimento de quatro potências nucleares - Rússia, China, Índia e Paquistão, sendo os dois primeiros membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU.

Mais do que isso, as potências nucleares participantes são países com históricos bilaterais complicados: Índia e Paquistão estão em um novo período de tensões

envolvendo a Caxemira, bem como há um relacionamento delicado envolvendo Índia e China e também a competição geoeconômica sino-russa na Ásia Central. Apesar desses fatores, os países envolvidos, todos membros da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), decidiram realizar esse treinamento de combate a grupos terroristas, uma ameaça comum. Todos eles, em graus variados, têm ou tiveram problemas com grupos fundamentalistas no passado recente: desde os rebeldes chechenos a grupos atuantes na Ásia Central, como o Movimento Islâmico do Uzbequistão (atualmente filiado ao Estado Islâmico), e os rebeldes separatistas uigures de Xinjiang, os quais o governo chinês acusa de terrorismo.

Nesse contexto, é relevante perceber, que mesmo entre potências nucleares e rivais regionais, a cooperação pode ocorrer quando se trata de uma preocupação comum a todos os envolvidos. A realização desses exercícios serve para demonstrar como o terrorismo pode ser encarado como uma ameaça séria o suficiente a ponto de colocar potências rivais do peso de China, Índia, Rússia e Paquistão em um mesmo exercício militar.

Putin almeja conectar a costa ártica russa ao Oceano Índico

Luiza Guitarrari

No dia 3 de outubro de 2019, durante sua participação na 16ª reunião do *Valdai International Discussion Club*, o presidente russo Vladimir Putin expressou interesse em conectar alguns portos na costa ártica da Rússia com portos no Oceano Índico. Para tal ação faz-se necessário o estabelecimento de uma rede de transportes na região, que possibilite a ampliação de rotas comerciais latitudinais e longitudinais. Configura-se, assim, o desenvolvimento de infraestrutura como parte essencial das negociações deste ano, visando ao aumento da cooperação na Eurásia.

Para tanto, Putin destacou a construção da perspectiva de rota entre o Ártico, a Sibéria e o restante da Ásia.

A proposta, portanto, irá conectar os portos ao longo da Rota Marítima do Norte com alguns portos nos Oceanos Pacífico e Índico. A construção de uma nova ferrovia na costa ártica tem por finalidade ligar o Porto de Sabetta, na importante península de Yamal, à rede ferroviária da Eurásia, por meio de uma ferrovia na Sibéria Oriental.

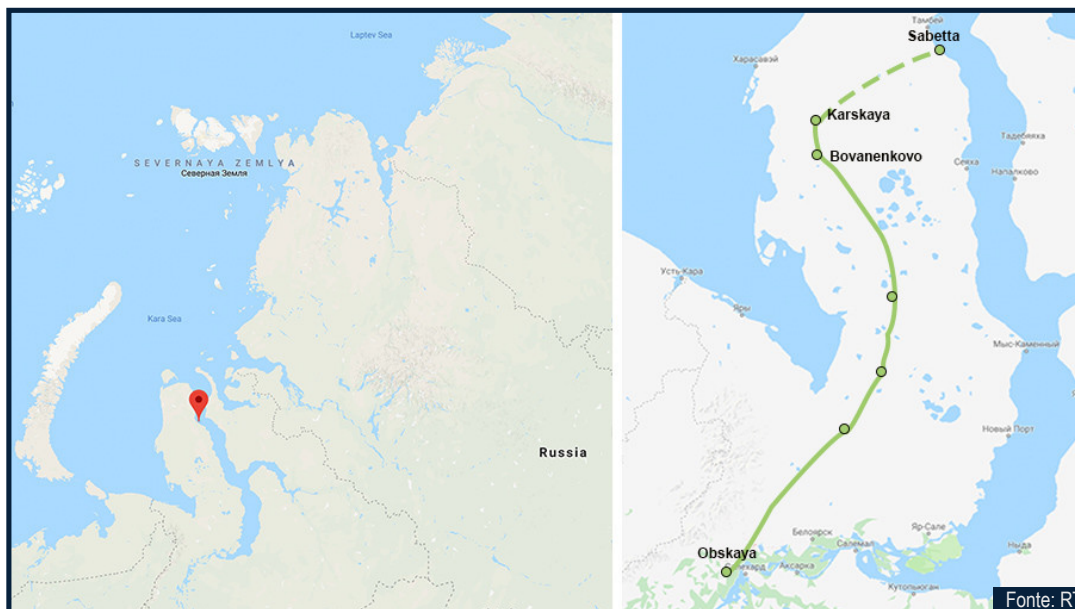
Ainda segundo o presidente, a interconexão de transporte russo desempenha, atualmente, um papel importante na cooperação industrial e comercial. Desse modo, o projeto de Sabetta é considerado parte integrante da Ferrovia Latitudinal do Norte, por ser uma rota alternativa para exportação de petróleo e gás pelas águas do Ártico russo.

Uma vez em andamento, o governo russo pretende concluir a construção de todo o complexo do projeto da Ferrovia Latitudinal do Norte, conectando-o à rede ferroviária da Mongólia, da China e dos demais países da região.

Contudo, os investimentos estimados em US\$ 3 bilhões representam um valor consideravelmente alto para o atual orçamento federal com uma economia em baixo crescimento. Assim, a construção da Ferrovia Latitudinal do Norte será financiada, em grande parte,

por meio de parcerias público-privadas, como a inserção da empresa sueca *Rise Capital*, além de investimentos da empresa ferroviária *Russian Railways* e concessão de empréstimos.

Consequentemente, a ampliação de mais de 700 km da Ferrovia Latitudinal do Norte irá proporcionar o aumento de remessas na Rota Marítima do Norte em até oito milhões de toneladas. Em vista disso, a conexão com novos portos deve impulsionar seu crescimento econômico e influência na região da Eurásia.



LESTE ASIÁTICO

Diplomacia naval entre as Marinhas da China e do Japão

Vinicius de Almeida Costa

Na manhã do dia 10 de outubro de 2019, a Baía de Sagami, sudoeste de Tóquio, no Japão, recebeu a visita histórica do Contratorpedeiro Taiyan, pertencente à Marinha do Exército de Libertação Popular da República Popular da China (PLAN, na sigla em inglês), a convite de Tóquio. O navio possui sistema de mísseis guiados, o que demonstra a capacidade de modernização da Marinha chinesa. Sua apresentação ocorreu na 70ª Parada Naval da PLAN, em abril do mesmo ano.

Esse gesto é bastante interessante e significativo, levando em conta as tensões latentes no continente asiático, sobretudo na região do Extremo Oriente, onde relevantes atores internacionais estão em lados opostos do tabuleiro geopolítico. O evento é parte do conceito de Diplomacia Naval, que diz respeito à visita de navios aos demais Estados, como uma embaixada flutuante, com intuito de recepcionar autoridades locais para estreitar laços, realizar acordos e manter boas relações. Elemento relevante num ambiente em que fatos históricos ainda minam as relações dos atores regionais, mesmo que não seja interessante no atual contexto econômico da região.

O evento foi presidido por Kong Xuanyou, embaixador chinês no Japão, sendo acompanhado

pelo Comandante do Distrito Naval de Yokosuka, o Almirante Gojiro Watanabe. Xuanyou declarou que a visita da belonave chinesa almejava a paz, a amizade, mais cooperação internacional e a melhoria das relações China-Japão, fala reiterada por Watanabe, que expressou o desejo de promover relações amistosas entre as Forças de Autodefesa do Japão (JSDF, em inglês) e a PLAN, além de melhorar a amizade entre os dois países. Navios da Austrália, Reino Unido, Canadá, Índia, Singapura e Estados Unidos também participaram da Parada Naval, que ocorreu em 14 de outubro na Baía de Sagami. A Coreia do Sul não foi convidada para o evento devido às recentes tensões entre Tóquio e Seul.

Vale ressaltar que uma parada naval expressa não somente intenções de aproximação, mas também força, pois a presença de qualquer belonave estrangeira demonstra também as capacidades militares que o país visitante possui. No caso em questão, o CT Taiyuan pertence a classe *Anshan* (ex classe *Gnevny*, da União Soviética), primeira classe de contratorpedeiros da PLAN, símbolos da modernização e expansão naval chinesa.

Singapura: entre acordos de segurança e disputas estratégicas

Thayná Fernandes

No início de outubro, as relações bilaterais de defesa e segurança de Singapura e Estados Unidos foram renovadas: um encontro entre o primeiro ministro Lee Hsien Loong e o presidente Donald Trump reassegurou por mais quinze anos as colaborações militares entre os dois países. Contudo, no último dia 20 de outubro, o ministro da Defesa do país asiático se encontrou com sua contraparte chinesa no Fórum de Xiangshan, evento anual de segurança promovido por Pequim, ampliando os acordos militares das duas nações.

Singapura foi colonizada pelo Império Britânico que viu no território um ponto estratégico para instalação de portos, facilitando suas relações comerciais. Durante a Segunda Guerra Mundial, o país foi tomado temporariamente pelos japoneses. Depois, com a vitória dos Aliados, voltou ao domínio britânico e apenas em 1965 tornou-se independente. Atualmente, é considerado um dos países mais desenvolvidos do continente, possuindo boa infraestrutura, alta confiabilidade, boas oportunidades de investimento e realização de negócios, especialmente nas áreas de tecnologia e serviços. Destaca-se, principalmente, por ser um dos maiores *hubs* logísticos, sendo o seu porto o segundo de maior movimento de contêineres do mundo.

No aspecto militar, Israel foi o principal desenvolvedor das Forças Armadas singapurianas a partir da década de 1970 e ainda hoje os dois países colaboram

na área. Com os Estados Unidos, as relações diplomáticas se formalizaram na década de 1990; durante a “virada ao Pacífico” da administração Obama, essas relações se intensificaram e em 2017 foi realizado o primeiro *Pacific Griffin*, exercícios militares conjuntos envolvendo militares das três Forças de ambos os países. Em relação à Marinha, além dos usuais exercícios de combate antissubmarino, reabastecimento em alto mar e operações anfíbias, a novidade deste ano foi o afundamento de embarcações, sendo a já descomissionada fragata *USS Ford (FFG 54)* utilizada como alvo, envolvendo aeronaves de patrulha marítima, bombardeiros e mísseis de superfície.

Em contrapartida, a China é o maior parceiro comercial de Singapura e o primeiro acordo de segurança entre os países foi assinado em 2008. Este ano, a parceria foi ampliada, estabelecendo exercícios conjuntos regulares, apoio logístico mútuo, acordos de Forças visitantes e encontros periódicos entre os respectivos ministros da Defesa.

China e Estados Unidos vêm competindo continuamente por áreas de influência e parcerias estratégicas no Sudeste Asiático. Apesar de ter um posicionamento extremamente diplomático e discreto, a “Cidade do Leão” terá um grande desafio, se precisar optar entre chineses e norte-americanos.

Tailândia disputada: como a redemocratização pode favorecer as FAs de Bangkok

Matheus Bruno Pereira

Em 2019, a Tailândia retornou ao regime democrático, após um período ditatorial desde 2014, quando militares realizaram um golpe de Estado sob o comando do General Prayut Chan-o-cha. Após as eleições de março, o mesmo foi eleito pelo povo tailandês para ser seu primeiro ministro nessa nova etapa do país. Contudo, os 5 anos que se passaram desde o golpe de Estado foi o suficiente para modificar as relações que o país possuía com a comunidade internacional.

Durante o período, houve o distanciamento de Bangkok do Ocidente, o que foi expresso em sua interrupção de relações com os EUA, que teve a Tailândia por muito tempo como um parceiro fundamental no Sudeste da Ásia. Na perspectiva tailandesa, os EUA era tido como um importante fornecedor de equipamentos militares. Com esse distanciamento, atores buscaram preencher esse vazio deixado, como foi o caso da China. Os embargos impostos pelos EUA àqueles que comprassem equipamentos russos, no mesmo período, auxiliou ainda mais esse movimento de aproximação com Pequim ([Boletim 82](#)).

No mês de setembro do presente ano dentro de um acordo sino-tailandês, houve o batimento de quilha e oficializou o início da construção do primeiro submarino classe *S26T*, tendo custado US\$ 430 milhões, com previsão para ser entregue em 2023. Esse projeto teve início no período entre 2015 e 2017, considerando projetos, negociações e aprovação. É uma demonstração da busca por alternativas em parcerias militares, uma vez que a Tailândia não possui submarinos há décadas, o que significa a necessidade de capacitação de tripulação e aumento dos exercícios conjuntos com Pequim. Esse não foi o único acordo entre as marinhas, pois em agosto foi assinado um outro para a compra de um navio doca chinês da classe *Type 071*.

No fim, o tempo parece fortuito para as forças armadas tailandesas, uma vez que a disputa entre EUA e China por sua parceria poderá favorecer seus fins estratégicos. Mas cabe a Bangkok ser pragmática e não buscar um “tutor”, mas sim usufruir ao máximo dessa disputa ao seu favor. Afinal, a Tailândia também possui interesses a serem defendidos e assegurados na região.

Encontro presidencial entre EUA e Finlândia aborda temas árticos

Laila Lorenzon

Na quarta-feira, dia 02 de outubro de 2019, Donald Trump e Sauli Niinistö, presidente da Finlândia, se encontraram na Casa Branca para discutir vários temas relevantes, com destaque para a situação no Ártico. O presidente Trump ressaltou a importância da relação entre a Finlândia e a OTAN, e reafirmou sua parceria com o país no intuito de combater ameaças ao Ártico, além de também “trabalharem juntos para promover a estabilidade, liberdade de navegação e respeito pela soberania nacional” na região, como detalha a revista *The Barents Observer*.

Outro ponto de destaque na reunião entre os dois líderes foi o desejo expresso de proteger o Ártico de “ameaças externas”, traduzidas como a presença comercial e militar de países não árticos na região. De acordo com a fala do presidente Trump, é possível perceber uma clara referência à presença chinesa na região, que no último ano se declarou abertamente como “Estado quase-ártico”: “Simplificando, acreditamos que os assuntos do Ártico devem ser governados pelas nações

reais do Ártico. E como vocês sabem, existem pessoas que entram no Ártico e nós não gostamos. E não podemos deixar acontecer e não vamos deixar acontecer”.

O presidente também expressou que esse é um desejo mútuo entre ambos os países, que devem concentrar seus esforços em prol do objetivo de manter a região governada e regulada apenas por países que de fato possuem proximidade geográfica, protegendo de interesses de países estrangeiros. É evidente a preocupação dos EUA com a intensificação da presença política e econômica da China, que há alguns anos é o principal *stakeholder* responsável por diversas transações de produtos através da Rota Marítima do Norte (RMN), já tendo realizado um total de 22 viagens entre 2013 e 2018. Só no ano passado, mais de 491.000 toneladas de carga cruzaram a RMN, em sua maioria transportada por oito navios chineses da estatal *Cosco Shipping Ports*, que já manifestou seus planos de fortalecer mais ainda sua presença na região ártica.



Fonte: SOFREP

- ▶ [China, Brexit, and the U.S. Election — What Eurasia Group's Ian Bremmer Expects](#)
BARRONS, Leslie P. Norton
- ▶ [Why Rich Cities Rebel](#)
PROJECT SYNDICATE, Jeffrey D. Sachs
- ▶ [A Brief Guide to Russia's Return to the Middle East](#)
CARNEGIE, Eugene Rumer, Andrew S. Weiss
- ▶ [Acting East: India In The Indo-Pacific](#)
BROOKINGS, Dhruva Jaishankar
- ▶ [Oceans as an Investment Priority](#)
PROJECT SYNDICATE, Emma Navarroz
- ▶ [Report: 377 Vessels Could Operate in the U.S. Arctic by 2030](#)
MARITIME EXECUTIVE
- ▶ [Naval Group starts construction on France's newest frigate](#)
DEFENSE NEWS, Christina Mackenzie
- ▶ [Navy May Scrap Goal of 355 Ships; 310 Is Likely](#)
BREAKING DEFENSE, Paul McLeary

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

NOVEMBRO

05 Anúncio de nova redução dos compromissos do Irã com o Acordo Nuclear

10 Eleições gerais na Espanha

13-14 XI Cúpula dos BRICS, em Brasília

24 Eleições distritais em Hong Kong

24 2º turno das eleições presidenciais do Uruguai

DEZEMBRO

03-04 Cúpula da OTAN, em Londres

10 Alberto Fernandez assume Presidência da Argentina

12 Eleições parlamentares no Reino Unido

- **O risco ambiental da progressão da crise econômica venezuelana**

FEDIRKA, A. [Starting over in Venezuela](#). Geopolitical Futures, 23 set. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

ZOLOTOVA, E. [What Moscow really wants from Venezuela](#). Geopolitical Futures, 02 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **Manifestações massivas no Chile: materialização de reivindicações históricas**

FEDIRKA, A. [Protests in Chile and the government's response](#).

Geopolitical Futures, 24 out. 2019. Acesso em: 26 out. 2019.

PINTO, J. (editor). Las largas sombras de la dictadura a 30 años del plebiscito. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2019.

- **Possível estabilidade do Haiti?**

[Security Council Establishes United Nations Integrated Office in Haiti, Adopting Resolution 2476 \(2019\) by 13 Votes, 2 Abstentions](#). United Nations, 25 jun. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

COTO, Dánica. [New protest hit Haiti amid demands that president resign](#). The Washington Post, 30 set. 2019. Acesso em: 10 out. 2019.

- **Moçambique: limites da democracia, estertores da paz**

Mozambique. [U.S. Energy Information Administration](#), mai. 2018. Acesso em: 25 out. 2019.

PITCHER, A. [Mozambique's election saw violence, vote rigging and a landslide victory for the Frelimo party](#). Washington Post, 23 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **O desafio energético e as ambições estratégicas em Angola**

ESTRELA, A. [Projecto "Refinaria do Soyo" é hoje apresentado no Dubai](#). Jornal de Angola, 22 out 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

ATUMAH, S. [Petroleum reform talk: APPA to APPO](#). Vanguard, 29 jul. 2017. Acesso em: 11 out. 2019.

- **França e Alemanha: os verdadeiros decisores na União Europeia**

MORIN, S. [Angela Merkel et Emmanuel Macron à Toulouse : Airbus, diplomatie et bouchons au menu](#). France bleu, 16 out. 2019. Acesso em: 26 out. 2019.

ISKENDEROV, P. [Balkans splitting EU apart](#). Modern Diplomacy, 22 out. 2019. Acesso em: 26 out. 2019.

- **Com a saída dos EUA, os turcos atacam os curdos na Síria e a Rússia emerge**

SHAPIRO, J. L. [The Only Thing That Can Save the Kurds](#). Geopolitical Futures, 11 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

[Turkish military, rebels to cross Syrian border 'shortly': Build-up of troops and tanks near border continues as president's aide warns allied forces will cross into Syria soon](#). Al Jazeera, 09 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **O descontentamento da população libanesa e os consequentes protestos**

[Is the Lebanese currency at risk of devaluation?](#) Arab News, 06 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

SANZ, Juan. [Libano aprova reformas econômicas após cinco dias de enormes protestos](#). El País, 22 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **Tsentr-2019 e a balança de poder na Eurásia**

[Center-2019: 128,000 troops participate in massive Russia, China & India drill](#). Russia Today, 20 set. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

[Russia's Tsentr-2019 Military Drills: Vehicle Crashes, Ballistic Missiles and More](#). The Moscow Times, 23 set. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **Putin almeja conectar a costa ártica russa ao Oceano Índico**

[Dmitry Medvedev had a working meeting with Chairman of the Board of the Russian Pension Fund Anton Drozdov](#). President of Russia, 30 nov. 2009.

[Putin Wants to Connect Russia's Arctic Coast and the Indian Ocean](#). The Barents Observer, 08 out. 2019. Acesso em: 24 out. 2019.

- **Diplomacia naval entre as Marinhas da China e do Japão**

[Chinese naval destroyer arrives in Japan for int'l fleet review](#). Xinhua, 10 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

JOHNSON, J. Japan's MSDF and Chinese Navy hold first joint military drills in eight years. Japan Times, 24 out. 2019. Acesso em: 27 out. 2019.

- **Singapura: entre acordos de segurança e disputas estratégicas**

BARZILAI, A. [A Deep, Dark, Secret Love Affair](#). Haaretz, 16 jul. 2004. Acesso em: 25 out. 2019.

PARAMESWARAN, P. [Why the New China-Singapore Defense Agreement Matters](#). The Diplomat, 23 out. 2019. Acesso em: 25 out. 2019.

- **Tailândia disputada: como a redemocratização pode favorecer as FAs de Bangkok**

PARAMESWARAN, P. [China-Thailand Submarine Deal in the Headlines with Keel-Laying Ceremony](#). The Diplomat, 23 set. 2019. Acesso: 23 out. 2019.

NANUAM, W. [Army takes delivery of first Strykers from US](#). Bangkok Post, 12 set. 2019. Acesso em: 23 out. 2019.

- **Encontro presidencial entre EUA e Finlândia aborda temas árticos**

LEISER, M. [Finnish and US Presidents agree on Arctic security policies](#). The Barents Observer, 03 out. 2019. Acesso em: 09 out. 2019.

STAALESEN, A. [As ice shrinks to year's low, a powerful fleet of tankers sail Arctic route to Asia](#). The Barents Observer, 03 out. 2019. Acesso em: 09 out. 2019.